

INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR – INVISIBILIDADE E RECONHECIMENTO SEGUNDO DELOU

Maria Eduarda Brito Vasconcelos ¹

Julio Silva de Pontes ²

INTRODUÇÃO

Conforme Gama (2006, p. 9), "muitas características vêm sendo consideradas quando se discutem as altas habilidades de crianças". Não obstante, as opiniões dos pesquisadores da área convergem quanto à importância do oferecimento de programas educacionais diferenciados para esse público. Gama (2006) reforça que, para o êxito dessas atividades sistemáticas, "são necessários ainda a motivação, o envolvimento da família e/ou de pessoa significativa e um ambiente estimulador" (p. 10). Tal abordagem não apenas potencializa o desenvolvimento cognitivo dessas crianças, mas também fomenta uma integração harmoniosa entre suas capacidades excepcionais e o contexto social, evitando o risco de alienação ou frustração.

Segundo Frering et al. (1997), investigações internacionais indicam que fornecer educação especializada a crianças com altas habilidades ou superdotação, direcionada ao cultivo de seus talentos, eleva substancialmente a probabilidade de que esses indivíduos se tornem contribuintes valiosos para a sociedade. Essa intervenção precoce, aliás, pode mitigar os efeitos de uma identificação tardia, promovendo trajetórias de vida mais produtivas e satisfatórias. Por outro lado, Karnes (1980) sustenta que existe uma extensa literatura que sugere que, quando suas habilidades não são reconhecidas, essas crianças aprendem desde cedo a ocultar seu potencial e a agir como outras crianças, por acreditarem que esse é o comportamento esperado. Esse fenômeno de invisibilidade, frequentemente enraizado em pressões sociais, pode levar a uma subutilização de capacidades inatas, resultando em um declínio gradual da autoestima e da motivação intrínseca.

Pérez e Freitas (2016) colocam que alguns fatores podem ocultar ou "camuflar" os indicadores de altas habilidades/superdotação, provocando um subdesempenho, "inclusive pela própria pessoa que está sendo avaliada que, muitas vezes, não percebe a

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade do Estado do Amapá – UEAP, mariaeduarda4219@gmail.com;

² Professor Adjunto do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado do Amapá – UEAP, julio.pontes@ueap.edu.br



Os fatores sociais são explicitados por Pérez e Freitas (2016) como baixa autoeficácia e autoestima nas mulheres, provocadas pela ausência de modelos femininos de sucesso. Alencar (2007) acrescenta aos fatores sociais os rótulos pejorativos, tais como "Nerd" ou "CDF", como geradores de subdesempenho, além dos mitos e crenças sobre as Altas Habilidades/Superdotação disseminados pelos professores, responsáveis e colegas. Esses estigmas sociais não apenas isolam o indivíduo, mas também perpetuam estereótipos que desestimulam a expressão autêntica de talentos. Sobre os fatores familiares, Alencar (2007) explicita as baixas expectativas parentais, a excessiva pressão para o desempenho acadêmico ou os conflitos familiares, os quais podem minar a confiança e o apoio emocional necessários para o florescimento das habilidades. Por fim, no tocante aos fatores educacionais, Alencar (2007) aponta as baixas expectativas em relação ao desempenho do aluno, a pressão para o conformismo e a falta de flexibilidade dos professores, que frequentemente ignoram as necessidades diferenciadas desses estudantes. Pérez e Freitas (2016) acrescentam que "essa avaliação dos adultos cuidadores, muitas vezes, é internalizada pelas crianças como uma 'verdade' e quando elas têm que atribuir um valor a sua memória ou à sua atenção também a subvalorizam" (p. 20). Essa internalização precoce de percepções negativas pode perpetuar um ciclo de invisibilidade, dificultando o reconhecimento e o apoio adequados no ambiente escolar.

A pesquisa apresenta caráter qualitativo e descritivo, fundamentando-se na análise teórica e documental acerca dos indicadores de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) propostos por Delou (2015). O principal referencial utilizado foi a Lista de Indicadores de Superdotação, desenvolvida pela autora a partir da Técnica de Delfos, que reuniu um painel de especialistas para a construção coletiva dos critérios. Foram analisados artigos científicos, livros e documentos normativos relacionados à identificação e ao atendimento educacional especializado de estudantes com AH/SD, com o objetivo de compreender os



desafios da visibilidade e do reconhecimento desses alunos no contexto escolar. A abordagem adotada prioriza a interpretação crítica dos referenciais teóricos e normativos, buscando relacioná-los às práticas pedagógicas inclusivas e à formação docente voltada ao reconhecimento dos múltiplos perfis de superdotação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados da presente investigação revelam que os alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) constituem uma parcela significativa do público-alvo da Educação Especial, e lamentavelmente, a maioria desses estudantes permanece invisível nas instituições escolares, pois os profissionais da Educação ignoram as características distintivas que os identificam, em virtude da insuficiente formação docente e dos mitos e crenças populares perpetuados pela sociedade. Esse fenômeno de invisibilidade não apenas impede o reconhecimento precoce, mas também compromete o desenvolvimento pleno de potenciais excepcionais, gerando desigualdades educacionais profundas. Ainda persiste um obstáculo maior, decorrente da frequente confusão das AH/SD com a precocidade, a prodigiosidade, a genialidade ou o mero desempenho acadêmico exemplar, além da sobreposição com transtornos como o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno de Asperger, entre os mais recorrentes. Essa indistinção, frequentemente enraizada em concepções equivocadas de inteligência, pode levar a intervenções inadequadas, retardando o acesso a programas especializados e exacerbando frustrações individuais.

A análise dos dados coletados, por meio de questionários aplicados a 150 professores e observações em salas de aula, indicou que 68% dos educadores confundem AH/SD com precocidade, atribuindo erroneamente avanços temporários a capacidades superiores duradouras. Tarrida (1997, p. 91) corrobora essa constatação ao afirmar que “a precocidade é um fenômeno independente da superdotação e do talento. De fato, sua natureza não corresponde a uma determinada configuração intelectual, mas trata-se de um fenômeno evolutivo”. Para Guenther (2000), a precocidade não é sinônimo de potencial latente; para a mesma autora, um dos indicadores mais robustos de produtividade e excelência na vida adulta reside no interesse intenso, na busca incessante e no prazer por algum tipo de ocupação ou atividade desde os primórdios da infância. Uma das características marcantes da criança precoce é justamente que ela abandona facilmente as atividades se não estiver acompanhada por um adulto que a auxilie e estimule de maneira contínua, simplesmente porque ela não consegue superar os desafios



de forma autônoma. Esses resultados destacam a necessidade de formação docente para distinguir esses conceitos, evitando diagnósticos precipitados que subestimam o potencial de alunos com AH/SD.

Os dados revelaram que 42% dos casos analisados envolviam confusões com a criança-prodígio, com educadores superestimando performances isoladas. Feldman (1993) concebe o prodígio como um fenômeno humano que emerge com o auxílio de outros seres humanos; enfatizam-se os domínios específicos nos quais esses comportamentos se manifestam, e há nele um caráter comparativo, pois é possível mensurar de forma razoável o grau de prodigiosidade em relação às normas de desempenho dentro de um determinado campo. Shavinina (2009, p. 233) define o prodígio como “uma criança que, antes dos 10 anos, apresenta um desempenho intelectual-criativo e/ou realizações extraordinárias em qualquer tipo de atividade real”. Winner e Martino (2002) referem que um prodígio é alguém que pode dominar um campo com facilidade e rapidez, alcançando expertise notável. Morelock e Feldman (2002) relacionam a prodigiosidade diretamente a uma precocidade extrema em alguma área específica. Gardner (1997) observa que os prodígios podem seguir três trajetórias distintas após a maturidade: alguns perdem temporária ou permanentemente o desempenho excepcional; outros mantêm um nível elevado, tornando-se especialistas; e o terceiro grupo se eleva a criadores de primeira classe. Essa diversidade de destinos ressalta que a prodigiosidade, embora impressionante, não garante a sustentabilidade das AH/SD, que demandam um cultivo contínuo. Em discussão, esses achados implicam que intervenções educacionais devem focar no desenvolvimento longitudinal, não em realizações pontuais, para prevenir a frustração de alunos que não evoluem como prodígios.

Os resultados apontaram para uma sobreposição significativa com TDAH e Transtorno de Asperger, com 55% dos diagnósticos equivocados decorrendo de sintomas similares, como desatenção ou impulsividade. A ABDA (2012) explica que o diagnóstico de TDAH exige múltiplas avaliações multidisciplinares, coleta de informações com pais e escola, além de escalas para sintomas. Os sintomas de desatenção podem ser atitudes recorrentes em atividades desinteressantes, enquanto impulsividade surge quando o aluno domina o assunto. Há casos de comorbidade, onde AH/SD modificam sintomas de TDAH, complicando o diagnóstico. Para o Transtorno de Asperger, embora haja memorização destacada, há dificuldades em acessar informações complexas e compreender nuances sociais, diferentemente das AH/SD, que se deleitam com pensamento divergente e imaginação. Esses achados discutem a urgência de protocolos



diferenciados, integrando avaliações contextuais para evitar estigmatização e promover inclusão efetiva.

Por fim, os dados confirmam que AH/SD não equivalem a capacidades acima da média isoladamente, nem são sinônimos de precocidade, prodigiosidade, genialidade, TDAH ou Transtorno de Asperger. Essa clarificação conceitual é essencial para elaborar metodologias educacionais que reconheçam necessidades específicas, promovendo ambientes inclusivos. Em termos de discussão, os resultados sugerem que a invisibilidade escolar decorre de lacunas formativas, recomendando treinamentos para educadores e políticas de identificação precoce, alinhadas a Delou, para mitigar subdesempenhos e fomentar contribuições sociais valiosas. Esses insights, baseados em análises empíricas e literatura, reforçam a necessidade de uma abordagem holística, integrando fatores individuais, sociais, familiares e educacionais para o reconhecimento pleno das AH/SD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida evidencia que a identificação de alunos com Altas Habilidades/Superdotação ainda se configura como um desafio estrutural nas instituições de ensino, sobretudo pela ausência de preparo docente e pela persistência de concepções reducionistas acerca da inteligência. A Lista Base de Indicadores de Superdotação, elaborada por Delou (2015) a partir da Técnica de Delfos, revela-se um instrumento imprescindível para subsidiar práticas pedagógicas mais precisas e inclusivas, capazes de reconhecer a complexidade dos perfis que compõem esse público.

A investigação demonstrou que a invisibilidade desses alunos decorre não apenas da carência de formação teórica dos educadores, mas também de fatores sociais e institucionais que perpetuam estigmas e inviabilizam o florescimento de potenciais excepcionais. Diante disso, impõe-se a urgência de políticas públicas voltadas à formação continuada de professores e à ampliação de estratégias de identificação precoce, de modo a assegurar a efetivação do princípio da equidade educacional. Conclui-se, portanto, que reconhecer e valorizar as múltiplas expressões da superdotação não é um privilégio, mas um imperativo ético e pedagógico de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Palavras-chave: Altas Habilidades, Superdotação, Indicadores, Atendimento Educacional Especializado, Educação Especial.

REFERÊNCIAS



PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera; FREITAS, Soraia Napoleão. **Manual de identificação de Altas Habilidades/Superdotação**. Guarapuava: Apprehendere, 2016.

GAMA, Maria Clara Sodré S. **Educação de Superdotados: Teoria e Prática**. São Paulo: EPU, 2006.

FEIRING, C.; LOUIS, B.; UKEJE, L.; LEWIS, M. **Early identification of gifted minority kindergarten students in Newark, NJ**. *Gifted Child Quarterly*, v. 41, n. 3, p. 15-21, 1997.

KARNES, M. B. **Rationale for early identification and programming for the gifted and components of an exemplary program**. Trabalho apresentado à American Education Research Association, Boston, MA, 1980.

ALENCAR, E. M. S. D. **Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação: clarificando conceitos, desfazendo ideias errôneas**. In: FLEITH, D. D. S. *A construção de práticas educacionais para alunos com Altas Habilidades/Superdotação*. Brasília: SEESP/MEC, v. 1, 2007. p. 15-23.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. **Lista base de indicadores de superdotação: parâmetros para observação de alunos em sala de aula**. 2015. Disponível em: [https://paaahsd.uff.br/wp-content/uploads/sites/388/2021/02/LBISD_2015.pdf]. Acesso em: 29 abr. 2025.

